

de Sol a Sol



SOL NASCENTE

No número do nosso segundo aniversário, anunciámos que Sol Nascente ia entrar numa nova fase. Publicados já três números depois dessa declaração, verificamos com regosijo que os nossos colaboradores, a imprensa e o público em geral têm tido para nós as palavras mais elogiosas.

As palavras com que tem sido premiado o nosso esforço, levado a cabo nas mais penosas condições materiais, são para nós um estímulo de inapreciável valor. Elas fazem-nos sentir que a nossa obra de divulgação e crítica encontra o acolhimento que mais podíamos desejar.

Amigos! Sol Nascente agradece-vos as vossas palavras de boa camaradagem e promete-vos continuar o caminho iniciado, procurando melhorar sempre, e não esquecer os problemas essenciais que ainda não teve ocasião para focar.

independência

A vitalidade e o inconformismo do povo checo afirmam-se por inúmeras atitudes, que os jornais diários continuamente nos comunicam. Assim, enquanto Jiri Mahen, um dos maiores escritores checos, não pôde suportar uma vida de humilhações e se estabeleceu na Boémia-Morávia a tradição das «manifestações silenciosas» aos túmulos e estátuas dos seus patriotas, em Paris realizou-se o Congresso checoslovaco. Assistiram o grande escritor alemão Heinrich Mann, o escritor Weiskopf representando os alemães dos sudetas, Francis Jourdain e o Dr. Rudolf Breitscheid em que afirmaram a sua fé no futuro da Checoslováquia e a necessidade da união de todos aqueles que, Checos e Eslovacos, «se consideram como cidadãos dum país que a violência conseguiu vencer mas não antiquillar».

o problema reprovados da tuberculose

Todos os pais se queixam da facilidade com que os seus filhos contraem a tuberculose. Ora nem vale a pena dar ouvidos aos que afirmam que nada há a fazer. A Inglaterra, por exemplo, em 1891, ao cabo de 10 anos de luta anti-tuberculosa, diminuiu a sua mortalidade em 32 por cento. Prova de que alguma coisa se pode e deve fazer. Mas muito mais poderíamos dizer dos resultados obtidos noutros países. Com isto não queremos afirmar, porém, que os métodos usados na Inglaterra e noutros povos ainda em igual estágio social, sejam os métodos científicos mais adequados. É preciso dar mais alguns passos. É preciso levar a actuação científica às suas últimas consequências.

precisamos de piscinas

A prática desportiva está a desenvolver-se bastante. Mas devemos lutar por que se intensifique e alargue. Pelo que respeita à natação, não podemos ficar na estúpida atitude de que só devemos nadar de verão. Porque não desencadeamos já uma propaganda infatigável a favor da criação de piscinas? Mas não deverá cair-se em querer monumentos de luxo. As piscinas devem servir o maior número de pessoas. Para isso, é preciso que sejam muitas, que sejam simples e sobretudo baratas.

Uma minoria da gente nova atravessa, agora, uma época de inquietações, falta de apetite e excesso de trabalho—época de exames; época de vaidades conquistadas à custa duma simples classificação e época também de reprovações. Se há reprovados que não merecem atenção outros há que merecem a nossa simpatia: os que têm de produzir a própria base do seu trabalho intelectual, os que têm de construir toda a sua vida quasi só com as suas próprias mãos.

exageros meridionais...

Um dia foi oferecido um banquete de homenagem a um jurista da capital, que tem publicada uma vasta obra jurídica. Nas ementas, luxuosamente impressas a ouro e vermelho, figurava o retrato do homenageado com a seguinte legenda: «O pai do direito português!»

No n.º 606 da *Seara Nova*, João Falco, fazendo o elogio de João Gaspar Simões escreveu: «Graças a ele, pretende-se hoje criticar em Portugal; uma geração crítica lança mão de armas... A bem ou a mal por ele impulsionada». Ai está! João Gaspar Simões, «o pai da crítica portuguesa!»

Como admiramos o crítico do «Suplemento literário» do *Diário de Lisboa* não podemos admitir que lhe sejam atribuídos louros que lhe não pertencem. Ora, a acção de João Gaspar Simões sobre os críticos mais novos é pura e simplesmente uma figura de retórica.

vária

A VIDA TRANSFORMA-SE...

Era pelos comêços do século. Mõço professor primário, de espirito arejado pelas mais recentes ideias pedagógicas, ministrava ensino numa aldeia de Itália. Em relatório mandado à respectiva inspecção, o citado mestre-escola deste gesto marcava a sua orientação:

«Tenho sempre obtido a disciplina por meios muito simples: despertando a atenção e o interesse dos alunos e vigiando-os cuidadosamente.

«O que se alcança por medidas coercivas não é verdadeira disciplina, essas medidas reprimem a individualidade do aluno e fazem nascer nêles sentimentos deploráveis.»

O relatório abalou as «teias de aranha» da pedagogia oficialmente constituída. O mestre teve férias forçadas. O seu nome era Benito Mussolini!; Gualtiere, a aldeia onde ministrava ensino.

Na última biografia oficial do Duce, aparecida na passada semana em Roma, encontram-se citadas as linhas anteriormente impressas. Estranho saber lhe deve encontrar o seu distante autor...

UM GESTO GENEROSO E DE BOM HUMOR

Os soldados alemães que guardam a fronteira suíço-alemã apanharam ante-ontem lixo da estrada e depois de fazerem um embrulho atiraram-no para dentro do território suíço.

No dia seguinte os soldados suíços da fronteira atiraram para dentro do território alemão uma lata cheia da melhor manteiga fabricada na Suíça, que levava atada um cartão com os seguintes dizeres: «Cada país exporta os seus melhores produtos».

(«O Primeiro de Janeiro»)

Sol nascente

a revista cultural do pensamento jovem

Publica-se a um e quinze de cada mês
Mínimo de assinatura: 5 números, 5 escudos
(Pagamento adiantado)

Enviar toda a correspondência para:
COURAÇA DE LISBOA, 38—COIMBRA

Visado pela Comissão de Censura